

TENDÊNCIA

ARTICULISTA

► Por: Stello Tolda, presidente do site de e-commerce Mercado Livre (www.mercadolivre.com.br)



"O que me chama a atenção é o risco iminente da internet deixar de ser o meio livre que ela é."

Por uma Internet Livre

Entenda por que mesmo com hackers, spammer e piratas, a Internet deve continuar a ser um território livre

Em uma coluna anterior, comparei a internet a uma grande praça onde as pessoas se reúnem "para conversar, para ouvir e para falar, para apregoar e para regatear, para comprar e para vender." Faltou dizer que a praça é um reflexo de sua civilização e de todos os seus fenômenos sociais, os desejáveis e os não tão desejáveis. Para mim, e creio que para qualquer um, é mais fácil falar dos fenômenos desejáveis, daquilo que a internet nos trouxe de bom. Mas e o que dizer do lado indesejável da internet? A praça é um espaço aberto, um local democrático freqüentado por todos, os bem intencionados e também os mal-intencionados. Assim como toda família tem um parente estranho de quem não se fala muito, às vezes é preciso enfrentar a realidade. Nesse caso, o "parente estranho na internet" pode ser um spammer, um fraudador, um pedófilo,

um terrorista ou qualquer outro malfeitor. Após mais de cinco anos à frente de uma empresa de internet, posso dizer que

felizmente a maioria avassaladora das pessoas age de boa fé em suas relações sociais pela web. Contudo, a sensação de estar anônimo pode dar a qualquer um a falsa impressão de poder fazer qualquer coisa impunemente através da rede. Não creio que seja o caso de culpar a internet em si por qualquer ilícito praticado por meio dela. Seria como querer proibir o uso de celulares, pois através deles bandidos conversam entre si. Os meios de comunicação estão aí e são parte do progresso inexorável de nossa civilização.

Dito isso, reconheço que existe muito conteúdo de gosto duvidoso na rede. A facilidade de publicar textos, fotos, imagens ou qualquer arquivo digital permite ao ser humano disseminar seu lado obscuro e alimentar sua curiosidade mórbida. Existem sites que armazenam

vídeos de decapitações de reféns realizadas por grupos terroristas no Iraque; em um destes, o vídeo mais acessado já teve mais de 15 milhões de downloads!

Não pretendo discutir aqui o porquê de sermos assim, tanto os que cortam cabeças, quanto os que assistem interessados. O que me chama a atenção é o risco iminente de a



internet deixar de ser o meio livre que ela é. Temo que governos zelosos, sob a bandeira de querer proteger seus cidadãos, comecem a impor barreiras, a censurar conteúdo, a dizer por quem e para que a internet pode ser acessada.

Defendo a internet livre. É pela liberdade de criar, facilidade de inventar, da flexibilidade de compor que a internet produz tantas aplicações que fazem parte de nosso cotidiano. Imaginem se todas essas aplicações tivessem que ser submetidas a um poder central. Entendo que a liberdade traz enormes vantagens, mas também possíveis problemas.

Para lidar com esses problemas, é importante que o setor de internet não espere pelo pior para agir. Na seqüência de um acontecimento drástico, a opinião pública fica suscetível a ações drásticas, mesmo que venham a cercear seus próprios direitos. Sugiro que as empresas sérias do setor se unam para produzir um código de ética com o propósito de orientar sobre as melhores práticas na rede. Quem sabe, desta forma conseguiremos evitar que o famoso Grande Irmão se interesse pela internet.



Sites como www.estrinho.com.br chamam a atenção pelo mórbido